

Yve-Alain Bois*Homenagem a Hubert Damisch¹

Tribute to Hubert Damisch

palavras-chave:
Hubert Damisch; Yve-Alain
Bois; história da arte; teoria
da arte

Texto escrito por Yve-Alain Bois para ser lido na cerimônia fúnebre de Hubert Damisch. O teórico francês morreu em 14 de dezembro de 2017, e a cerimônia fúnebre ocorreu no dia 20 desse mesmo mês, no crematório do Cemitério Père-Lachaise, em Paris.

keywords:
Yve-Alain Bois; Hubert
Damisch; history of art; theory
of art

Text written by Yve-Alain Bois to be read in Hubert Damisch's funeral. The French theoretician passed away on December 14th, 2017. The ceremony took place on the 20th, at the Crematorium of Père-Lachaise Cemetery, in Paris.

1. Tradução de Sônia Salzstein.

*Institute for Advanced Study
[IFS], Princeton.

Em uma bela entrevista com Alain Veinstein para seu programa na rádio *France Culture*, nosso amigo Hubert evocava com prazer uma resenha lisonjeira de seu único livro de ficção, *Le messenger des îles* (O mensageiro das ilhas). Essa resenha, publicada no *Le Monde*, trazia o título de “L’archipel Damisch” (O arquipélago Damisch). Evocando Arletty em *Hotel du Nord*², Hubert exclamou: “Arquipélago? Arquipélago? Terei um arquipélago na cabeça?... Bem, sim, o que tenho na cabeça funciona um pouco como um arquipélago”. Sempre muito exato no manejo das metáforas, ele não diz “sim, sou um arquipélago”, mas “o que tenho na cabeça funciona um pouco como um arquipélago”. Isto é, como uma poeira de ilhas que ele se encarregaria de explorar, a princípio tomando isoladamente uma por uma, mas depois imaginando pontos de conexão possíveis entre diversas ilhas, sonhando em trazer à luz comunidades de linguagem insuspeitadas.

Hubert era sobretudo um apreciador das passagens – o que amava, principalmente, era fazer deslizar os termos e procedimentos de uma disciplina para outra a fim de provocá-las e, com isso, transformá-las.

Transmito essas frases de uma América que Hubert tanto amava visitar com Teri, sua esposa, e sem ninguém que os entendesse por perto; mas estou certo de que a diversidade daqueles que lhe vieram render uma última homenagem colocará em relevo a extensão de seu arquipélago. Linguística, semiótica, etnologia, antropologia, sociologia, matemática, economia, filosofia e tantas outras disciplinas que ele fazia se chocar sem trégua contra a história para lastrear suas dúvidas quanto à validade da “atitude histórica” em face dos objetos de sua predileção – pintura sobretudo, mas também cinema, fotografia, arquitetura e – às vezes se esquece – literatura. Quem poderia traçar um mapa, na ordem do simbólico, que em algum momento Hubert já não tivesse percorrido?

Na entrevista com Veinstein, quando este falava da própria hesitação em tomá-lo ou como filósofo ou como historiador da arte – os dois termos que se aplicaram a ele mais frequentemente –, Hubert respondeu o que segue: “Trata-se de um problema para os bibliotecários – eles me olham como um sujeito insuportável, pois não sabem onde me colocar”. E acrescentava, com uma ponta de orgulho: “E sendo assim, eu terei alcançado meu objetivo, porque o problema é justamente ter êxito em não se deixar localizar, encerrar em um quadro preciso, em um ponto preciso”.

Sim, acredito que de fato Hubert “alcançou seu objetivo”. Haverá muitos volumes a serem escritos sobre a maneira como ele se dedicou a fazer isso. O tempo dirá. Gostaria aqui apenas de acrescentar algumas palavras sobre sua prática de ensino, que desempenhou, a meu ver,

2. Filme de 1938 dirigido por Marcel Carné, de cujo elenco tomou parte a atriz Arletty.

3. Trata-se do texto "Tough love", que publicamos neste número de *Ars*.

um papel essencial no vicejar sempre mais amplo de sua curiosidade, cobrindo todos os azimutes. Trata-se de um extrato breve de um longo testemunho que consagrei a seu seminário, há mais de dez anos³:

"Jamais esquecerei a primeira sessão do seminário de Hubert que assisti, de fato a primeira do ano acadêmico. Na sala de tamanho médio que a Escola alugava na rue de Varenne, cerca de trinta pessoas se apinhavam em torno de uma mesa enorme, respirando um ar cada vez mais enfumaçado. Hubert falava sem parar, muito rápido, durante duas horas – o único ruído de fundo era o das canetas arranhando furiosamente o papel. Durante as sessões seguintes, que doravante se estenderam por três horas, o ritmo se fez menos desenfreado. Havia uma pausa de quinze minutos e a segunda parte era consagrada ou à discussão ou à apresentação de algum dos participantes. Mas a impressão inicial de me encontrar em meio a uma explosão intelectual de fogos de artifício, com ideias e questões eclodindo de todo lado, jamais me deixou durante os quatro ou cinco anos em que frequentei regularmente o seminário".

Recuado no tempo, hoje eu diria – guardadas as devidas proporções – que o choque que senti nessa primeira excursão no barco de Hubert, explorando seu arquipélago, foi idêntica a seu primeiro encontro com Merleau-Ponty, intimando-o a vasculhar em Cassirer e Panofsky: "Em poucos minutos", disse Hubert, "Merleau-Ponty compreendeu aquilo a que eu aspirava e a que deveria dedicar mais de dez anos de trabalho". "Não me atrevo a esperar", ele acrescentou, "que um estudante um dia possa contar uma história análoga sobre mim!".

Hubert foi bem-sucedido em sua aspiração: somos muitos, estou certo, os que nos identificamos com esse aguardado estudante.

Artigo recebido em 7 de janeiro de 2018 e aceito em 19 de fevereiro de 2018.

Yve-Alain Bois é crítico e historiador da arte, especialista em arte europeia e norte-americana do século XX. É coeditor da revista *October* e professor em Princeton na School of Historical Studies do Institute for Advanced Study. Como curador, uma de suas mais relevantes exposições foi "L'Informe", organizada com Rosalind Krauss. Entre seus livros, destacam-se *Painting as model*, *L'informe: mode d'emploi* e *Matisse et Picasso*.